

# EDUCAÇÃO SEXUAL: ENTRE A UTOPIA DAS LEIS E A REJEIÇÃO DA SOCIEDADE

Autor: Daiane de Sousa Lopes; Orientador: Francisco Ricardo Miranda Pinto

Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA [daianesousalopes@outlook.com](mailto:daianesousalopes@outlook.com)

**Resumo:** O presente artigo aborda as questões de gênero e diversidade traz como objetivo geral a identificação da existência de formação para discutir gênero e diversidade na escola. Fundamentado nos estudos de Louro (1997; 2000) e nos documentos oficiais Brasil (2013), este vem fomentar a importância da formação profissional do docente na realização de um trabalho significativo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem descritiva desenvolvido na Escola Giz de Cera, distrito de Pindoguaba, Tianguá-CE, com coleta de dados no período de agosto de 2016 a partir do questionário aplicado para os professores do Ensino Fundamental II da referida escola tendo como critério de inclusão a formação de nível superior, e de exclusão a atuação do professor em regime de contrato temporário, utilizando questionário com perguntas abertas em busca de compreender como se dá a Educação Sexual e Formação Docente na temática gênero e diversidade em sala de aula. Os primeiros resultados observados foram a baixa procura por parte dos profissionais por formações ao mesmo tempo em que são menos ainda as ofertas de formações que discutam o tema. Considera-se então importante as formações que contribuam no desenvolvimento de ambos os lados, aluno e professor, no sentido de abrir mentes e mudar a concepção do que é falar de Educação Sexual. Com a pesquisa foi possível perceber tanto como pessoa quanto como profissional que é muito importante que as escolas se atualizem em todos os sentidos, e que isso pode partir dos próprios professores, que são os que vivenciam de perto sua prática.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Profissionalização Docente, Práticas Pedagógicas, Impactos Humanos e Sociais, Educação e Saúde.

## 1 INTRODUÇÃO

O tema central deste estudo é a Educação Sexual, inserida num contexto histórico que vem sendo arrastada até os dias atuais. Desde os anos 60 (sessenta) que o assunto começou a ser discutido em sala de aula, mais com uma grande defasagem, pois só tratava de certos temas como a Masturbação, as doenças venéreas e a preparação da mulher para dona de casa.

Este estudo surge a partir da ausência da problemática gênero e diversidade nas escolas que estão localizadas nas zonas rurais. Sua relevância consiste na maneira como os professores sem qualquer tipo de formação voltada par tal, visa o entendimento de como se dar o ensino da Educação Sexual em sala, e colaborar com já existentes estudos que norteiam os caminhos pelos quais tem trilhado esta temática nas escolas.

Estruturado em dois tópicos, um que aborda o contexto de Educação Sexual, como surgiu, quais movimentos colaboraram para esta Educação ganhar espaço dentro das escolas, e outro que trata da verificação de formação para capacitar professores para desenvolver este assunto com seus alunos e quais metodologias devem ser aplicadas. Para a construção do trabalho foi necessário abordar estudos de alguns autores como os de Louro (1997,2000), Mamprin (2009) e Oliveira (2012) ambos com pesquisas voltadas acerca do tema em questão.

Pautado numa pesquisa qualitativa descritiva foi utilizado um questionário aplicado a professores pertencentes a rede municipal de ensino que lecionam no ensino fundamental anos finais, da instituição Giz de Cera localizada no distrito de Pindoguaba Tianguá -CE. Dos profissionais participantes 2 homens, um com formação em Pedagogia e outro com licenciatura plena em História. 3 mulheres, uma formada em Linguagem e Códigos, outra em Biologia e Química e a

terceira em Pedagogia e Matemática. Os dados foram coletados a partir da aplicação de um questionário com questões abertas.

Após a coleta e análise dos dados, os resultados obtidos foram apresentados através de texto de acordo com a resposta dos professores, respeitando o ponto de vista de cada um em cada questionamento apontado. Possível perceber de antemão quão ainda é necessária uma formação profissional voltada para a Educação Sexual enquanto tema transversal nas escolas da zona rural.

O objetivo geral deste artigo é identificar a existência de formação para discutir gênero e diversidade na escola, com isso promover formas e maneiras de provocar a inquietação dos professores para tais questões.

## **2 Contextualizando Educação Sexual**

O homem assim como os demais animais tem seus instintos como preditores de suas ações quando se fala de sexo pelo prazer, todavia como é dotado de habilidades cognitivas e possibilidades é também hábil em conseguir aludir ao seu instinto suas práticas e domínios.

O movimento feminista foi o grande responsável pelo primeiro passo nesta caminhada. A partir deste, outros grupos foram se organizando na defesa por liberdade de expressão como os movimentos de gays e de lésbicas e muitas outras pessoas que também levantam esta bandeira (LOURO 2000).

Partindo da ideia de que nos anos sessenta já havia discussões sobre a educação sexual, pode-se afirmar que elas iriam ser arrastadas até a atualidade visto que as mudanças afetariam todos os setores que por vezes seriam imutáveis. As novas tecnologias reprodutivas, as possibilidades de transgredir categorias e fronteiras sexuais entre outros desestabilizam antigas certezas de tradição, de espaço e de realidade. (LOURO, 2000)

Contudo, é primordial ressaltar que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB) no art. 3º dos princípios e fins da educação nacional alterado pela nova lei nº12796 de 04/04/2013 deixa claro o respeito e consideração pelas diversidades ético racial no inciso XII. (BRASIL, 2013)

A partir das mudanças observadas nos jovens no comportamento devido à Educação Sexual, depois do movimento feminista, foram realizados encontros sobre o assunto em algumas escolas para mais esclarecimento das dúvidas destes jovens para com a educação sexual (BOMFIM, 2009).

No Brasil a história da educação sexual surge através do combate à masturbação e as doenças venéreas visando também à preparação da mulher para o papel de esposa e mãe. Na década de 1920 segmentos sociais, entre eles as feministas, reivindicavam a educação sexual, em 1928 a aprovação da proposta de educação sexual nas escolas pelo Congresso Nacional foi significativa, porém com progressos e retrocessos, sobretudo com a interferência da Igreja, que se prolongaram até a década de 1950. Nos anos 1960 o tema já começava a ter presença nos meios de comunicação prevalecendo, contudo, os tabus e preconceitos, nessa mesma década ocorreram experiências importantes tanto em escolas públicas como particulares. (BOMFIM, 2009, p.11)

A sexualidade enquanto assunto fleumático vem sendo enfatizada desde há muito tempo e na contemporaneidade é discutida por/com diferentes olhares. A Educação Sexual está em foco, partindo da existência de muitas significações no qual tem traçado uma enorme batalha para conseguir mais respeito aos diversos tipos de diversidades.

As lutas por igualdade de gênero étnico-racial e pelo respeito à diversidade permeou por todo século XX e início do século XXI, predominando as atitudes e tipos de pactos sociais discriminatórios, realidade esta que ainda é durável em todas as sociedades (PEREIRA, *et al*, 2007). É importante ressaltar o sentido no qual é necessário uma parceria conjunta, mesmo que esta relação esteja fragmentada, gênero, etnia e sexualidade estão intimamente imbricadas na vida social e na história da sociedade. Para manter esta parceria é importante trabalhar numa linha não essencialista em relação às diferenças.

As sociedades fazem parte do conjunto unânime da vida e a vida só persiste só se reconstrói, só vence as forças que por vezes tentam destruí-la quando, houver uma produção sucessiva e infatigável com diferenças e intermináveis transformações, para assim ser capaz de não apenas promover atitudes tolerantes para com as diferenças, mais sim fazer a diferença (CARRARA, 2009).

A sexualidade é um dos componentes que constitui o ser humano, através dela o sujeito promulga suas primazias, predisposições ou experiências sexuais na vivência e no descobrimento da sua identidade ao longo da vida, ou seja, “A sexualidade é um elemento que constitui a existência humana e, como tal, precisa ser compreendida em sua totalidade”. (FAGUNDES apud, BOMFIM, 2009, p.15).

A constituição federativa do Brasil no título I dos princípios fundamentais no art. 3º diz que todos são iguais e gozam dos mesmos direitos perante a lei, sem qualquer tipo de distinção de qualquer natureza. O inciso IV enfatiza a questão da discriminação quando afirma que a união tem como objetivo: “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 2012).

A Educação Sexual deve refletir as questões de gênero e de sexualidade como fatores que transformam o pensamento dos indivíduos e as suas formas de viver enquanto seres sexuados e formadores de sexualidades. (OLIVEIRA; MAIO, 2012).

A construção do gênero está em constante transformação e isso se faz necessário, enquanto se entende que quando se fala em construção do gênero diversidades se reafirma também uma desconstrução para uma nova identidade que está num processo contínuo de formação. (LOPES, 1997).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) já apontam como errônea a interferência da escola na escolha sexual do sujeito, o que se pode ser feito é possibilitar a reflexão e o debate, para que o aluno busque condições de fazer suas próprias escolhas (FREITAS, LIMA, 2014).

## **2.1 Formações de professores e práticas pedagógicas em Educação Sexual**

Mesmo que seja uma questão de longa data, recentemente a Educação na escola tem sido debatida tendo como ponto inicial, abordagens da desigualdade que por vezes já é solidificada entre os educadores, que no primeiro momento essas desigualdades são denominadas como clássicas referentes ao nível socioeconômico dos educandos e suas jornadas escolares, e em um segundo tempo as desigualdades é relativas à raça-etnia e gênero (RODRIGUES, BARRETO, 2013).

Os resultados de estudos apontam ser necessário discutir a respeito da formação do/a professor/a que atuará no espaço da escola, tendo em foco as diferentes maneiras que consiste em apresentar as temáticas de gênero, diversidade sexual. De acordo com Freire, Santos E Haddad (2009) o Brasil tem conquistado importantes resultados na ampliação do acesso e no exercício dos direitos, por parte de seus cidadãos. No entanto, há ainda imensos desafios a vencer, quer do ponto de vista objetivo, como a ampliação do acesso à educação básica e de nível médio, assim como do ponto de vista subjetivo, como o respeito e a valorização da diversidade. As discriminações de gênero,

étnico-racial e por orientação sexual, como também a violência homofóbica, são produzidas e reproduzidas em todos os espaços da vida social brasileira.

A sexualidade por muito tempo foi um tema barrado na sala de aula, fazendo com que acarretasse tabus e dúvidas que o professor não sabia como e de que maneira abordar a questão, agindo assim como um educador que trata seus educandos como pessoas assexuadas. (BOMFIM, 2009)

[...] com o Regime Militar dominando a política brasileira, as propostas inerentes ao trabalho de educação sexual na escola foram reprimidas, principalmente sob a alegação de que era a responsabilidade da família a educação sexual das crianças. (MAIO, 2012, P.4).

Acredita-se então que a formação inicial é o ponto de partida para uma construção de conhecimento direcionado a educação sexual na sua prática docente. Mesmo que este tema já esteja implantado no currículo há muito tempo, para muitos profissionais este ainda reflete como uma abordagem difusa, que por vezes aparece com erros e ideologias que causam limite no desenvolvimento de uma prática docente de qualidade. (OLIVEIRA, MAIO, 2012)

Os cursos de formação em gênero e diversidade na escola, promovidos pelo governo federal, tem estimulado muitos profissionais a implementarem projetos de educação como essas temáticas nas escolas. Há também os processos de formação de educadores/as, promovidos pelos governos estaduais e municipais, que estão avançando no sentido de capacitar profissionais da educação para trabalharem com sexualidade e gênero. Mais isso é ainda muito incipiente. (REIS, 2014, p.7).

A sexualidade é fundamental na construção da personalidade do sujeito, por ser com certeza uma necessidade básica do ser humano e por encontrar-se estreitamente relacionado ao pensamento e à ação. A Educação sexual tem ganhado espaço nos estudos científicos, mais ainda não chegaram às escolas de maneira clara, acessível e eficaz (REIS, 2014).

Em seus estudos Mamprim (2009) ressalta que o ensino da Educação Sexual nas escolas atualmente tem ocorrido de maneira principiante, sem uma organização e planejamento, e ainda, não se constata esta abordagem dentro das unidades didáticas, ou seja, as disciplinas.

Nota-se, portanto, que os programas apresentados visavam tirar apenas dúvidas imediatas dos alunos, e não transformando a informação em comportamento preventivo para um processo contínuo. Assim, também vale o respaldo de que neste aspecto os profissionais não detinham de uma metodologia eficaz, e sim da falta de treinamento para executar os programas de educação sexual numa linha positiva.

Afirma Silva (2011), que embora os PCN's e os temas transversais, dentre eles a "orientação sexual", tenham sido aprovados há dez anos, ainda hoje questões de gênero e sexualidade são pouco discutidos nas escolas. E nesses poucos acontecimentos só são trabalhados os temas disciplinares apenas como vigilante das Práticas sexuais, de acordo com os ideais do Estado e da sociedade, fazendo uso de seus múltiplos mecanismos, dentre eles a escola, que até então era vista como um instrumento para controlar o exercício da sexualidade, tratando apenas de questões biológicas como reprodução, aparelho genital e prevenção da gravidez precoce, doenças sexualmente transmissível (DST) e a síndrome da imuno deficiência adquirida (AIDS).



As Diretrizes e Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Fundamental e a participação das instâncias políticas do estado com a constituição federal (CF) de 1988 incumbe o poder, sobre a existência de conteúdos que estejam voltados para a identidade e diversidade que se façam presentes no currículo escolar e nos diversos níveis como ressalta Bonamino e Martínez (2002, p.4) quando diz que a CF além conteúdos mínimos para o ensino fundamental dentro dos princípios de igualdade e de diversidade, assegurando uma formação básica na convivência de registros culturais diferenciados nas propostas curriculares, nos níveis de governo e nas unidades escolares.

### **3 METODOLOGIA**

Esta é uma pesquisa que se enquadra na natureza qualitativa acompanhando a afirmativa de que ela “[...] preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento, etc.”. (MARCONI; LAKATOS, 2006, p. 269).

Esta pesquisa está ainda aportada na abordagem descritivo-explicativa que “é aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados, buscando identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos”. (MARCONI; LAKATOS, 2006, P.123).

A referente pesquisa foi realizada na instituição Giz de Cera, localizada no distrito de Pindoguaba zona urbana da cidade de Tianguá-ce. A escola está com uma boa estrutura física, na qual conta com 06 (seis) salas de aula 02 (dois) banheiros com divisórias, 01 (uma) secretaria, 01(uma) sala de professores com banheiros, 01(um) almoxarifado, 01(um) laboratório de informática, 01(uma) cozinha com dispensa, 01(um) auditório, 01(uma) sala de vídeo e 01(uma) biblioteca. O corpo docente é formado por professores, diretora, secretário e coordenadora. A escola também conta com auxiliares de serviços gerais, merendeiros e porteiros.

A instituição atende adolescentes do fundamental II com faixa etária de 11 (onze) a 15 (quinze) anos de idade. Esta abrange todas as comunidades pertencentes ao distritos de Pindoguaba e funciona nos turnos manhã, tarde e noite.

Os participantes foram 05 (cinco) professores da instituição citada acima, selecionados tendo como critério de inclusão ter vínculo de lotação na instituição, com formação de nível superior, efetivo e atuando em sala de aula. Do contrário, serão excluídos os professores que mesmo estatutário(s), regularmente lotado(s) naquela escola, mas ainda sem formação superior e/ou com superior incompleto e quem estava em licença médica. Não se configura como critério de exclusão o professor não ministrar a disciplina de Ciências Naturais.

O instrumento de coletas de dados será um questionário definido por Severino (2007, p. 125):

Conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo.

A aplicação deste questionário foi com 04 (quatro) perguntas abertas, além das questões sociodemográficos no total de 05 (cinco) questões. Cada profissional receberá um questionário e responderá sem nenhuma influência por parte de outro professor/diretor ou até mesmo do responsável por este estudo.

Após a aplicação do questionário, as respostas obtidas serão lidas e analisadas cautelosamente as respostas dos profissionais participantes em relação a cada questionamento feito e na sequência serão detalhadas na pesquisa preservando a identidade dos professores participantes.

Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, são seguidos os preceitos na resolução 466/2012 para pesquisas nas áreas de Ciências Humanas e Sociais.

#### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada na escola Giz de Cera no distrito de Pindoguaba, com 02 (dois) professores e 03 (três) professoras do Ensino Fundamental Anos Finais sendo 01 (um) professor com especialização plena em História 01 (um) com Pedagogia, 01(um) formado em Linguagem e Códigos, 01 (um) com formação em Biologia e Química, 01 (um) graduado em Pedagogia e Matemática.

A coleta de dados se deu a partir da aplicação de questionário com perguntas abertas em busca de compreender como se dá a Educação Sexual e Formação Docente na temática gênero e diversidade. A primeira pergunta direcionada aos professores buscou saber qual os conhecimentos destes profissionais em relação a definição de educação sexual e em qual momento da vida do estudante esta questão deve ser levantada. E das respostas coletadas dizem que:

É o conhecimento do corpo humano, do aparelho genital masculino e feminino e como ele funciona [...].  
(Prof. 1, Prof. 2, Prof. 3, Prof. 4 e Prof. 5).

De acordo com as respostas acima sobre a primeira pergunta, deixa claro que a definição de Educação Sexual ainda está centralizada apenas no que diz respeito ao sexo masculino ou feminino, ou seja, focado apenas na questão homem ou mulher. Isso mostra o quanto os profissionais da educação ainda não estão preparados para este tipo de discussão em sala de aula, mesmo vivendo em pleno século XXI, repleto de informações e rodeado de diversidades.

Percebe-se também que estes profissionais veem esta temática na linha de pensamento reducionista, ou seja, ou é ou não é. Se limita apenas nas opções mais prováveis, ou mais utilizadas para explicar algo. No caso os professores afirmam que Educação Sexual é apenas o estudo do homem no sentido de gênero masculino e feminino.

Quando falam que é o conhecimento do corpo, do aparelho reprodutor e como ele funciona, estão afirmando a visão cartesiana, que diz ser o agrupamento destes seres pelo seu físico, como bem diz a frase “penso, logo existo” de René Descartes que em seus estudos tinha como objetivo levar o homem a aceitar apenas aquilo que é certo e irrefutável e conseqüentemente eliminar todo o conhecimento inseguro ou sujeito a controvérsias. Seu embasamento era de não acreditar em nada que não tivesse fundamento para provar a verdade.

Respalhada nestas respostas também, a falta de respeito para com a sexualidade de cada indivíduo, visto que esta não se limita em ser homem ou mulher, mas sim em todos os atos realizados pelo homem por meio de abraços, beijos, carinhos e todo tipo de cuidado para com o outro, sem fazer separação por sua orientação sexual.

As respostas dos professores, validam a ideia de que Educação Sexual é o ato do homem e da mulher de fazer sexo. Logo esta afirmação não é verdadeira, pois sexualidade vai muito além deste pensamento retórico e ultrapassado, mais sim é uma das diversas maneira de expressar suas opiniões e sentimentos.

Outra questão é levantada nesta resposta, quando afirmado que os corpos são preparados para reproduzir. De fato, as pessoas são educadas para serem reprodutores, no entanto, não fixa a ideia de que é preciso estar ao lado de alguém do sexo oposto, para que se consuma esta dita reprodução.

Pois, os modos de pensar sobre tais questionamentos estão passando por grandes mudanças e ganhando novos olhares.

É cogitado destas respostas a oportunidade de outras vivências de sexualidade. É evidente a opinião forte de que o tema em questão é apenas a divisão de grupos que tem como diferenciação seu órgão genital, o físico é considerado como fator determinantes para a caracterização de cada ser.

De fato, vários aspectos são observados na posição dos professores em relação a primeira pergunta. No entanto, a sexualidade também interfere nas relações sociais, psicológicas e emocionais, por isso é válido analisar se é apenas questão de sexo que define toda vida de uma pessoa.

Ainda desdobrando a questão 01 indagou-se sobre em qual fase este assunto deve ser abordado em sala de aula dizem que:

[...] Ela começa no início da vida e vão até o seu fim. Tratando de acordo com cada idade e a necessidade. (Prof.2).

[...] Desde a educação infantil, pois é nesta fase que chamamos de alicerce do desenvolvimento. (Prof.3. Prof.4).

[...] Deve ser iniciada junto com a adolescência do aluno, momento em que ele passa a ter contato com esse meio. (prof.5.)

Quando o professor 2 diz que o assunto em questão deve ser abordado desde o princípio da vida e vai até o fim, fica um pouco confuso esta afirmação. Pois há vários momentos da vida que pode-se dizer que é um início como por exemplo, o começo da puberdade, da sexualidade, etc. Então estas palavras não estabelecem um esclarecimento sobre a indagação feita.

Comparando o posicionamento de Reis (2014) em entrevista concedida a revista presença pedagógica, a Educação Sexual é para ser inserida desde a Educação Infantil pois nessa fase a criança já vivencia sua sexualidade, dentro da sua fantasia de criança. Os professores 3 e 4 seguem esta linha de pensamento ao assegurarem que a Educação Sexual deve ser colocada para os alunos desde a Educação Infantil, e ainda fomenta a ideia ao dizerem que é a fase denominada por eles de alicerce do conhecimento, ou seja, se nesta fase a criança tiver uma boa formação, consequentemente será bem desenvolvido.

O professor 5 é contra o pensamento dos outros profissionais, pois de acordo com ele, somente na adolescência a temática deve ser abordada, visto que é a fase onde eles já começam a vivenciar de fato a questão da sexualidade de modo mais intenso.

Mamprin enfatiza em seus estudos que a Educação Sexual é uma forma de expandir o sentido de diversidade, visto que gênero significa que homem e mulher são seres da realidade social e não da decorrência da anatomia dos seus corpos (MAMPRIN,2009, P.6).

A pergunta dois indagou aos participantes se os mesmos dispunham de formação para discutir gênero e diversidade na escola e qual metodologia usar para desenvolver o assunto em sala, desde que esta é de total importância para o boa prática docente sobre o tema. De acordo com os participantes do questionário foi possível perceber que:

Sim. Das formações oferecidas pela secretaria de Educação sobre as drogas na adolescência, e nos projetos de exploração da sexualidade na infância. (Prof.1)

Não (Prof.2).

Não. Simplesmente as orientações são utilizadas através de pesquisas pessoais adquiridas em palestras, postos de saúde, ou troca de experiência entre colegas de trabalho. (Prof. 3, Prof. 4, Prof. 5).

O posicionamento do professor 1 sobre o assunto se fixa na ideia de que estando recebendo formação sobre drogas e participando de projetos que trabalham o tema exploração sexual na infância, é suficiente para desenvolver a Educação Sexual dentro de sala. De fato, estas formações são também importantes, mas não suficiente para quebrar tabus ainda existentes.

O professor 2 simplesmente diz que não conhece nem participa de nenhuma formação voltada para discutir Educação Sexual nas escolas. Talvez, nem saiba o que realmente é Educação Sexual enquanto tema para ser trabalhado dentro de sala.

Os Professores 3; 4; e 5 afirmam que as orientações sobre o tema pesquisado são apenas informais, só por meio de conversas entre colegas de trabalho ou pesquisas individuais na internet e também com a colaboração do posto de saúde da comunidade. Se percebe então que estes profissionais não têm acesso a formações voltadas para a temática, o que dificulta o trabalho destes professores.

Se não é de conhecimento dos docentes os tipos de formações para esta questão, conseqüentemente os profissionais não terão embasamento suficiente para suprir as dúvidas dos alunos, visto que o assunto levanta diversas dúvidas e posicionamentos diferentes.

Contudo, a segunda pergunta levantou alguns questionamentos e diferenças de opinião. Se percebe que a maioria dos professores não conhecem e muito menos participam de formações direcionadas para debater gênero e diversidade, e mesmo assim de diversas maneiras buscam meios para levar o tema até os alunos.

É formidável o empenho que o professor tem em desenvolver por si só métodos para levar até os alunos as questões que discute sobre a temática gênero e diversidade, contudo estas informações devem ser pautadas em estudos científicos, comprovados, para que o próprio profissional esteja seguro do que for repassar para os alunos.

São vários os fatores que desmotivam a formação continuada para os professores, um desses é o pouco investimento que se tem hoje na educação, nesse sentido os educadores que querem dar uma formação mais completa aos seus alunos buscam por si só os meios de complementar seus conhecimentos. Outro fator é a falta de interesse que algumas escolas e profissionais tem em buscar essa formação continuada, se contentando em ensinar apenas o que está escrito em livros.

Com a ausência de formação para os professores diminui-se a qualidade do ensino e não se contribui com a educação que de fato deveria ser ofertada, o que acarreta em uma série de deficiências na educação. Com o desenvolvimento acontecendo a todo instante, é importante que os alunos sejam informados em sala sobre estas transformações, caso esse feedback não ocorra o resultado de todo um conjunto de erros são professores desatualizados e alunos mal informados.

Com base em relatos de experiência, a falta de formação, deixa os professores um pouco inseguros para falar claramente com seus alunos acerca desse tema, no entanto os profissionais procuram levar o máximo de informações que podem para seus alunos, de acordo com a cultura na qual eles estão inseridos.

Devido a rejeição da sociedade em relação a sexualidade do ser humano, buscou saber na prática pedagógica, quais os aspectos afetados, na construção da personalidade da pessoa que vivência esta realidade, desde que esta prática é fundamental no aprendizado do aluno. De acordo com esta dúvida, os professores deram seus pareceres:

Da orientação sexual, da ausência da orientação sexual, da homofobia presente nas relações sociais e machista. (prof.1).



Esses fatores têm resistido as modernizações do pensamento humano, sustentando-se em questões religiosas, mitos, preconceitos, valores morais entre outros. O fato é que o pai ou a mãe por princípios se esquivam quando interrogados pelos filhos sobre suas dúvidas sexuais. (Prof.2).

As práticas são afetadas diretamente, pois a sociedade impõe valores, tabus que muitas vezes inibem o trato do assunto em sala de forma aberta, didática e sem preconceito. (Prof.3).

Percebe-se que essa rejeição causa um receio por parte dos alunos em debater diversos temas de caráter sexual, e se sentem oprimido sem sua própria sexualidade. (Prof.4).

Ainda percebo preconceito e inibição a respeito do tema em questão. Mesmo estando banalizado, o sexo ou a educação sexual ainda vista por muitos com algo bem distante e muitas vezes algo pecaminoso e feio. (Prof.5)

Não dá para esconder quão os profissionais estão ainda de olhos fechados para tais questões. A rejeição está presente em todos os momentos da vida das pessoas em todos os sentidos e aspectos. No entanto, quando se enfatiza a sexualidade, esta rejeição muda de grau e é direcionada a algumas pessoas em especial.

Mas o que se trata nesta questão, é que é verídico sim, que a prática pedagógica é afetada diretamente quando estes preconceitos acontecem dentro da escola, fazendo com que o aluno em destaque se sinta desmoralizado pelo demais e se retraia na sua orientação sexual para que não passe por maiores constrangimentos, visto que as instituições de ensino e muitos pais não estejam capacitados, informados e preparados para lhe darem com esses fatos que vem sendo posto em ênfase desde longa data, porém sem a devida atenção que merece.

É certo que existe vários fatores que não concordam com as mudanças ocorridas sobre a sexualidade humana. A religião, e os valores morais de muitos, devido seus princípios e preceitos estão sendo caretas em não aceitarem a forma de viver de cada ser, de respeitar suas escolhas e de assumirem o que realmente são. Os pais, por exemplo, por não saberem como falar do assunto, confundem mais a cabeça de seus filhos quando interrogados sobre o tema.

A prática pedagógica é afetada diretamente, por que a forma como as temáticas são colocadas em livros e outros materiais didáticos ainda não quebra os tabus impostos pela sociedade e preserva os ditos valores sociais, ou seja, não assumem realmente uma postura de querer mudar o pensamento duma população preconceituosa e homofóbica. Pinto (et, al), afirmam que muitos dos profissionais se acomodam por questões culturais e religiosas impostas pelas famílias que define os indivíduos como donos de uma camada vigorante em cada cultura (PINTO, *et al*, 2015).

Desta forma os próprios alunos não têm se quer a oportunidade se expressar sua orientação sexual, devido a rejeição ser grande antes mesmos de conhecerem a realidade de cada um, fazendo com que a opressão tome conta dos envolvidos por esta rejeição.

Os pensamentos de alguns profissionais ainda são mais absurdos, ao dizerem que a sexualidade está banalizada e verem o sexo como algo pecaminoso e feio. Certamente conhecedores dos preceitos da igreja católica que defende que diversidade, Educação Sexual, enfim as diversas formas de

expressão sexual que não esteja dentro do catolicismo, é considerado como pecado grande e por vezes desrespeito para com o poder maior.

A partir do quarto questionamento, se buscou saber quais as principais dificuldades enfrentadas pelo professor para trabalhar a Educação Sexual em sala.

A desinformação por parte da família, e a falta de preparo dos profissionais da área na abordagem da temática sexualidade (prof.1).

O tema ainda envolve mitos, tabus e constrangimentos para pais e professores. A Educação Sexual aborda temas como o sexo, a gravidez, o aborto, métodos contraceptivos, a importância da camisinha e doenças sexualmente transmissíveis. Do qual pais e professores não estão sendo instruídos a uma formação adequada para orientação (Prof.2)

Falta de formação continuada com esta temática; material adequado e tempo já que é tratado como um tema transversal nas disciplinas (prof.3).

Primeiramente o preconceito por parte da comunidade e dos alunos, além da falta de recursos (prof.4).

Às vezes, falta de apoio dos pais e abertura por parte dos próprios alunos (Prof.5).

Um dos principais motivos que afeta diretamente o desenvolvimento do aluno é a desinformação da família que por vezes, também não tiveram a oportunidade de estudar na idade certa. Este fator é que mais prejudica a vida escolar dos estudantes. Devido também a correria do dia a dia não conseguem se dedicarem suficiente aos filhos deixando muito a desejar na questão no desenvolvimento do mesmo.

Outro aspecto relevante neste questionamento, é a capacitação dos professores para desenvolverem temáticas diferentes das que são de praxes do cotidiano escolar, ou seja, os temas transversais, visto que a maioria dos profissionais não participam de formações continuadas voltadas para tais temas, como a Educação Sexual.

Nem todo professor atua na sua área de formação por exemplo, profissionais formados em matemática mesmo sem formação específica dão aula de ciências e biologia que são matérias que mais abordam a temática, sem passar por uma preparação profissional.

De fato, é muito difícil falar sobre o tema para alunos que frequentam escolas na zona rural, por ser localizado numa comunidade, e serem próximas, até da mesma família, geralmente as pessoas de mais idade são preconceituosas com as novas mudanças, o que retrai as outras pessoas para que falem abertamente sobre sexualidade. Os próprios professores ficam sem saber de que modo levantar a questão, por não haver um diálogo aberto entre professor e aluno.

Intrinsicamente, as repostas obtidas, já antecederiam antes mesmo diversas formas de dificuldades nesta questão. Já se sabe que os profissionais da área da educação enfrentam constantes dificuldades no desempenho dos seus trabalhos como baixo salário, atuação na área que foge sua formação, falta de formação continuada, dentre tantos outros aspectos que fazem da educação uma simples escola na qual todos têm que passar sem compromisso.

A Educação sexual realizada nas escolas atualmente tem ocorrido de maneira embrionária, sem uma organização e planejamento e ainda, não se contata esta abordagem dentro das unidades didáticas, ou seja, as disciplinas é o que Mamprin (2009) fomenta quando fala desta questão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir a pesquisa pode se chegar a uma ideia de que de acordo com objetivo proposto inicialmente sobre a identificação da existência de formação para discutir gênero e diversidade na escola, foi identificado que existe formação, no entanto, é pouco disseminada nas escolas.

Por se tratar de um assunto gerador de discursões não houve dificuldade para encontrar embasamento teórico, em contrapartida com a pesquisa feita através do questionário o resultado obtido não supriu as expectativas, assim como o curto tempo que não permitiu um melhor aprofundamento.

Sobre as respostas obtidas de imediato foi possível notar quão grande é a necessidade de formações continuadas para discutir temas que carecem de uma atenção mais ampla, como o proposto neste artigo, visto que muitas escolas estão acomodadas pedagogicamente para trabalhar tais questões.

Com a pesquisa foi possível perceber tanto como pessoa quanto como profissional que é muito importante que as escolas se atualizem em todos os sentidos, e que isso pode partir dos próprios professores, que são os que vivenciam de perto sua prática.

Esta pesquisa contribuiu para que no futuro quando estiver lecionando, seja atenta aos diversos alunos que terei e que conheça cada um na sua individualidade enquanto pessoa. O trabalho também contribuiu para que eu percebesse o quanto a minha mentalidade era pequena sobre o tema pesquisado e quão grande é esse universo, e quanto ainda há para pesquisar e aprender.

Foi possível refletir sobre o imenso preconceito que muitos sofrem, e o quanto é difícil para as pessoas viverem com este preconceito diariamente num ambiente que deveria ser o mais respeitador, logo que a escola é o lugar onde podemos conhecer tudo que nos rodeia sem precisar ir longe, e é o local também de diversidade.

Contudo, foi satisfatório o resultado, por mais que sempre fique algo a desejar. A pergunta problema que indagava a formação dos docentes para tratar de gênero e diversidade, foi respondida, ainda que não enfatizada pelos os professore investigados.

No entanto um apanhado geral sobre o assunto ressalta a formação para um bom desempenho dentro da sala de aula tanto para os alunos quanto para os profissionais, por mais que esse tipo de formação ainda esteja em passos lentos, pelo menos já está sendo respaldado.

Enfim, o trabalho foi concluído com êxito e bastante embasamento, fator determinante nas discussões sobre o tema, e com certeza contribuirá para a formação de muitos que certamente buscaram saber um pouco mais do que é e como falar de Educação Sexual dentro de sala.

## REFERENCIAS

BEZERRA, Marcelo Salvino Sérgio. Sou professor, como devo me posicionar diante das expressões da sexualidade infantil? Rev. **Construir notícias**. Recife, PE n.84, p.51-53, set/out, 2015.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei Federal nº12796 de 04 de Abril de 2013, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 8 Ed. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nos 1/1992 a 68/2011, pelo Decreto Legislativo nos 186/2008 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/1994.35 Ed. Brasília, DF: edições Câmara, 2012.

BONAMINO, Alicia; MARTINEZ, Silvia Alicia. **Diretrizes e Parâmetros Curriculares Nacionais Para o Ensino Fundamental:** A Participação Das Instâncias Políticas Do Estado. Rio de Janeiro, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** Uma perspectiva pós-estruturalista. Petropolis, RJ. Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In.: IWEEKS, Jeffrey; BRITZMAN, Bell hooks; et al. **O corpo educado:** Pedagogias da sexualidade. 2 Ed. Belo Horizonte, 2000.

MAMPRIN, Ângela Maria Paccola. **A importância da educação sexual na escola para prevenção de conflitos gerados por questões de gênero.** Londrina 2009. Disponível em <<https://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1940-8.pdf>>.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria, **Fundamentos de metodologia Científica.** 5º Ed. São Paulo. Atlas, 2013.

OLIVEIRA, Marcio de; MAIO, Eliane rose. **Formação de Professores/as para abordagem da Educação Sexual na escola.** 2012. Disponível em <<https://www.ppe.uem.br/semanadepedagogia/2014/PDF/T-01/04.pdf>>.

PINTO, Francisco Ricardo Miranda. **EDUCAÇÃO SEXUAL NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES: DIÁLOGOS NECESSÁRIOS.** 2015.

REIS, Cristina d'Avila. Sexualidade e gênero. **Rev. Presença Pedagógica.** Belo Horizonte, MG. V.20, n.118, p.5-14, jul/ago., 2014.

RODRIGUES, Alessandro; BARRETO, Maria Aparecida Santos Corrêa, Currículos, **gêneros e sexualidades:** experiências misturadas e compartilhadas. Organizadores. - Vitória, ES: Edufes, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim, **Metodologia do trabalho científico.** 23. Ed.rev. e atualizada – São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da, **Gênero e sexualidade na formação docente continuada e nos espaços escolares:** uma análise do curso GDE na UFMA. Florianópolis, P.3, 2013.